

Passeio socrático

Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos dependurados em telefones celulares; mostravam-se preocupados, ansiosos e, na lanchonete, comiam mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas como a companhia aérea oferecia outro café, muitos demonstravam um apetite voraz. Aquilo me fez refletir: Qual dos dois modelos produz felicidade? O dos monges ou o dos executivos?

Encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei: “Não foi à aula?” Ela respondeu: “Não; minha aula é à tarde”. Comemorei: “Que bom, então de manhã você pode brincar, dormir um pouco mais”. “Não”, ela retrucou, “tenho tanta coisa de manhã...” “Que tanta coisa?”, indaguei. “Aulas de inglês, balé, pintura, piscina”, e começou a elencar seu programa de garota robotizada. Fiquei pensando: “Que pena, a Daniela não disse: ‘Tenho aula de meditação!’”

A sociedade na qual vivemos constrói super-homens e supermulheres, totalmente equipados, mas muitos são emocionalmente infantilizados.

Por isso as empresas consideram que, agora, mais importante que o QI (Quociente Intelectual), é a IE (Inteligência Emocional). Não adianta ser um superexecutivo se não se consegue se relacionar com as pessoas. Ora, como seria importante os currículos escolares incluírem aulas de meditação!

Uma próspera cidade do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem 60 academias de ginástica e três livrarias! Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: “Como estava o defunto?” “Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite!” Mas como

fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa?

Outrora, falava-se em realidade: análise da realidade, inserir-se na realidade, conhecer a realidade. Hoje, a palavra é virtualidade.

Tudo é virtual. Pode-se fazer sexo virtual pela internet: não se pega aids, não há envolvimento emocional, controla-se no *mouse*.

Trancado em seu quarto, em Brasília, um homem pode ter uma amiga íntima em Tóquio, sem nenhuma preocupação de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra! Tudo é virtual, entramos na virtualidade de todos os valores, não há compromisso com o real! É muito grave esse processo de abstração da linguagem, de sentimentos: somos místicos virtuais, religiosos virtuais, cidadãos virtuais. Enquanto isso, a realidade vai por outro lado, pois somos também eticamente virtuais...

A cultura começa onde a natureza termina. Cultura é o refinamento do espírito. Televisão, no Brasil – com raras e honrosas exceções –, é um problema: a cada semana que passa, temos a sensação de que ficamos um pouco menos cultos. A palavra hoje é ‘entretenimento’; domingo, então, é o dia nacional da imbecilidade coletiva. Imbecil o apresentador, imbecil quem vai lá e se apresenta no palco, imbecil quem perde a tarde diante da tela. Como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: “Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá!” O problema é que, em geral, não se chega! Quem cede desenvolve de tal maneira o desejo, que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose.

Os psicanalistas tentam descobrir o que fazer com o desejo dos seus pacientes. Colocá-los onde? Eu,

que não sou da área, posso me dar o direito de apresentar uma sugestão. Acho que só há uma saída: virar o desejo para dentro. Porque, para fora, ele não tem aonde ir! O grande desafio é virar o desejo para dentro, gostar de si mesmo, começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globocolonizador, neoliberal, consumista. Assim, pode-se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde mental três requisitos são indispensáveis: amizades, autoestima, ausência de estresse.

Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Se alguém vai à Europa e visita uma pequena cidade onde há uma catedral, deve procurar saber a história daquela cidade – a catedral é o sinal de que ela tem história. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um shopping center. É curioso: a maioria dos shoppings centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingos. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas...

Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Observam-se os vários nichos, todas aquelas capelas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Se deve passar cheque pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório. Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno... Felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer de uma cadeia transnacional de sanduíches saturados de gordura...

Costumo advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: “Estou apenas fazendo um passeio socrático.” Diante de seus olhares espantados, explico: “Sócrates, filósofo grego, que morreu no ano 399 antes de Cristo, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: “Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz.”

Frei Betto

Escritor e frade dominicano

E-mail: mhpal@terra.com.br

Copyright 2010 – FREI BETTO

É proibida a reprodução deste artigo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização.

Contato – MHPAL – Agência Literária (_mhpal@terra.com.br_)

A socratic stroll

Whilst travelling in the East I had contact with monks from Tibet, Mongolia, Japan and China. They were serene, modest and lived peacefully in retirement wearing their saffron coloured robes.

The other day I was observing the movement in Sao Paulo airport: the waiting room was filled with executives hanging onto their mobile phones, looking worried and anxious, others in the cafeteria were eating more than they needed to. They certainly would have had breakfast at home, but as the airline offered them snacks many showed a voracious appetite. This made me reflect: Which of the two models brings happiness? The monks' or the executives'?

I met Daniela aged 10 in the elevator at 9am and asked her: "Haven't you gone to school today?" She replied: "No, I go to school in the afternoon". "Good, so in the morning you can play or sleep in". "No" she replied, "I have so much to do in the morning..." "Like what?" I asked. "English, ballet, painting and swimming lessons" and she began to tell me of her robot-like schedule. I thought to myself: "What a pity, Daniela did not say 'I go to a class on meditation'"!

The society in which we live builds totally equipped super men and super women but many are emotionally infantile. This is why businesses nowadays consider that what is more important than an IQ (Intelligence Quotient) is to possess IE (Emotional Intelligence). Being a super executive is no use if a person cannot relate to other people. How important it would be for schools to include meditation classes in the curriculum!

In 1960 a prosperous town in the state of São Paulo had six bookstores and a gym; today it has 60 gyms and three bookstores! I have nothing against physical workouts but I am concerned about the disproportion in relation to spiritual

workouts. I think it's good that we all would like to die slim "How did the dead person look?" "He looked great, he had no cellulite!" But what about matters of subjectivity? Of spirituality? Of loving inactivity?

In the old days one spoke of reality: analysis of reality, entering into reality, knowing reality. Today the word is virtuality. Everything is virtual. One can have virtual sex over the internet, it does not cause AIDS, there is no emotional involvement and it is controlled by the mouse. Locked up in his room a man in Brasilia can have an intimate lady friend in Tokyo with no worries about having to get to know his neighbour who lives next door! Everything is virtual, we enter into the virtuality of all values and there is no commitment to what is real! This process of abstract language and feelings is very serious. We are virtual mystics, virtual religious, virtual citizens and therefore reality goes in another direction for we are also ethically virtual....

Culture begins where nature ends. Culture is the refining of the spirit. Television in Brazil – with rare and honourable exceptions – is a problem: every passing week we have the sensation that we are becoming a little less cultured. The word today is "entertainment". Sunday therefore is the national day for collective idiocy. The presenter is an idiot and the people who go there and appear on the stage are idiots as are those who waste an afternoon watching it. As advertising is not able to sell happiness, it provides the illusion that happiness is the result of the sum of pleasures: "If you drink this soft drink, wear these tennis shoes or this shirt, or buy this car, you will make it!" The problem is that one generally does not make it. Those who give in develop pleasure to such an extent that they end up needing an analyst or medication. For those who resist, the neurosis increases.

Psychoanalysts try to discover what to do with their patients' desire, where to place it? I, who know nothing about it, allow myself the right to make a suggestion. I believe there is only one way: by turning desire inwards. Because, outwardly, it has nowhere to go! The great challenge is to turn desire inwards by liking oneself, starting to see how good it is to be free from all that globalcolonising, neo liberal, consumer conditioning. Thus we can live better. Actually three requirements are indispensable for good mental health: friends, self esteem and the absence of stress.

There is religious logic in post modern consumerism. Anyone who goes to Europe and visits small towns which have a cathedral needs to learn the history of the place – the cathedral shows that the town has a history. Towns in the Middle Ages acquired status by building a cathedral; today in Brazil they build shopping centres. Interestingly most of the shopping centres have the architectural lines of stylized cathedrals; one cannot enter them any old how, it is necessary to wear one's Sunday clothes. Once inside one has a feeling of paradise: there are no beggars, no street children and no litter on the sidewalks...

One enters those cloisters to the music of post modern Gregorian chant, i.e. dentists' waiting room music. There are many niches, chapels with venerable objects for consumption, with beautiful priestesses, like acolytes, to assist us. Those who can pay with cash feel they are in the kingdom of heaven. If they have to use a pre dated cheque, credit card, or a special cheque, they feel they are in purgatory. But if they cannot afford to purchase anything they will certainly feel they are in hell... Luckily they all end up at the post modern eucharist, sitting at the same table, with the same juice and the same hamburger from an international chain that provides sandwiches saturated with fat.

I often tell sales persons who approach me as I enter the shops: "I am only taking a Socratic stroll". When they look at me with astonishment, I explain: "Socrates, the Greek philosopher, who died in the year 399 BC, also liked to clear his mind by walking around the commercial centre of Athens. When shopkeepers like yourselves accosted him, he would reply: "I am simply observing how much there is available which I do not need in order to make me happy".

Frei Betto*

* Frei Betto is a writer, together with Luis Fernando Veríssimo and others he is the author of "O Desafio Ético" (The Ethical Challenge) (Garamond) site - www.freibetto.org.

Copyright 2010 by Frei Betto - Without prior authorization, the reproduction of this article is forbidden by either electronic or printed means. Contact: MHP – Literary Agents. (E-mail: mhpal@terra.com.br)

Helen Hughes (translator)
E-mail: helen@loanda.plus.com